

PAZ – SHALOM – EIRENE – PY’A GUAPY
Em busca de uma Terra Sem Violência e Sem Males

Monika Ottermann

Resumo

No contexto da homenagem a pessoas que lutam pela paz, o artigo examina criticamente alguns conceitos veterotestamentários de “paz” e “guerra”, em particular traços violentos do imaginário em torno de Yahweh que determinam até hoje nossa pastoral e espiritualidade. A seguir apresenta três conceitos alternativos que podem ajudar a construir uma imagem mais pacífica da divindade e viver a mística dela: a crítica feminista libertadora, a religiosidade guarani e a espiritualidade quaker.

Abstract

In the context of honoring people who fight for peace, this article examines critically some Old Testament concepts of “peace” and “war”, especially some violent traits of the imaginary about YHWH which determinate our pastoral and spirituality up to the present times. Then three alternative concepts follow which help to build a more peaceful image of divinity and to live its mysticism: liberating feminist critique, guarani religiousness and quaker spirituality.

As raízes deste texto

Este artigo sobre a “paz” na Bíblia e na religiosidade guarani (daí o *py’ a guapy*) tem suas raízes num texto que escrevi em homenagem a um casal amigo que marcou por muitos anos a caminhada de quem estudava a Bíblia e lutava pela paz na região de São Paulo: Linnis Cook e Archibald Mulford Woodruff. São estadunidenses e vieram como missionários enviados pela Igreja Presbiteriana dos EUA. Linnis é advogada com treinamento em não violência, além de vir da tradição *quaker*, um grupo cristão que se propõe levar a sério a atitude não violenta de Jesus de Nazaré. No Brasil dedicou-se especialmente ao trabalho com mulheres nas mais diversas situações de violência. Archibald é pastor e biblista, escreveu seu doutorado sobre “Eirene no corpo paulino” e foi professor de Bíblia na Universidade Metodista de São Paulo. Na tarde do 11/09/2001 (dia do atentado às Torres Gêmeas de Nova York), perguntado se estava em condições de dar aula, respondeu que sua atividade de professor e pastor era um elemento importante no trabalho contra atitudes que provocam e cometem violências como a daquela manhã. Mas essa postura está longe de ser unilateral: como orientador de meu mestrado sobre as mulheres que denunciam em Jr 38,22 a política belicosa do

rei, ele sugeriu em fevereiro de 2003 (época da Guerra do Golfo) formular um título que aludisse ao problema da “guerra” e aproveitou para criticar as “guerras do presidente” estadunidense, de quem Linnis diz: “Ele não é *meu* presidente”. Quando os dois voltaram para os Estados Unidos, em 2009, sonhamos com um livro em sua homenagem que acabou não se realizando, e assim aproveito agora para partilhar, de forma revisada e ampliada, as reflexões que anotei naquela época.

Abordagens de “paz” (e de “guerra”) em textos bíblicos

Entre as infinitas possibilidades de abordar o tema da “paz” em relação com textos bíblicos está a tese de doutorado de Archibald, segundo o título “apenas” uma pesquisa sobre “paz” nos escritos paulinos, mas na realidade um levantamento completo dos diversos usos da palavra *shalom* na Bíblia Hebraica e um levantamento amplo do uso da palavra *eirene* na Septuaginta e no NT (e com referências ao uso rabínico de *shalom*). O próprio autor alerta sobre dois aspectos importantes. Primeiro, a pesquisa linguística é fundamental, mas não suficiente (por exemplo, passagens proféticas clássicas sobre utopias de paz e felicidade não usam a palavra *shalom*). Segundo: o conceito de *shalom* é tão amplo e seu uso tão diversificado, que é impossível reduzir essa riqueza a algum aspecto principal, por exemplo, *shalom* como bem-estar, como fruto da justiça etc., embora sobressaia de certa maneira a compreensão de paz em relação a segurança e tranquilidade. E muito menos se pode entender o conceito de *shalom* como a simples ausência de guerra (Woodruff, 1976: 352-357).

Concordo amplamente com essas observações, e elas me ajudaram a esclarecer várias dúvidas quando analisei o texto central da minha pesquisa de mestrado, Jr 38,28a (Ottermann 2003). É um pequeno cântico de zombaria, com uma denúncia amarga e irônica de mulheres da corte de Jerusalém que, ao serem levadas para o exílio na Babilônia (como despojo com fins de uso sexual), emitem seu “juízo” sobre a política de Ezequias e a atitude de seus aliados:

*“Enganaram-te e prevaleceram contra ti, os homens da tua paz.
Quando teus pés se afundaram na lama, eles se retiraram para trás!”¹*

Na época parecia-me que este versinho, ao chamar aliados de guerra de “homens de paz” (claro, paz só em relação a Ezequias, e nem essa paz funcionou!), mostrava com a maior brutalidade possível a hipocrisia e ironia que cerca a palavra *shalom* até hoje, quando pode ser proferida como saudação por um soldado de ocupação israelense que sabe perfeitamente que logo mais vai maltratar pessoas palestinas. Quando homens da paz já são tão violentos, quão violento será um “homem de guerra”! É certo que paz *não é* o contrário de guerra; mas, sobretudo, é certo que paz *é* o contrário de tudo que seja “violência”.

Ao longo dos últimos anos percebi cada vez mais que a “impossibilidade” de viver a paz e de viver em paz tem poderosas raízes em nossa socialização para a violên-

1. Todas as traduções de textos bíblicos são minhas.

cia e que esta, por sua vez, tem raízes poderosíssimas em nossa imagem do Divino, em nossa ideia acerca do nosso “Deus”. É uma imagem violenta, desde as raízes, e não vamos construir a paz, ou seja, não vamos nos libertar dessa violência (e nem libertar Deus ou Jesus da violência sofrida) se continuarmos camuflando-a em mil ginásticas conceituais e linguísticas, que não se orientam pela verdade que liberta e salva, mas pela tentativa desesperada de salvar um Deus apresentado como violento. Aquilo que chamo de “ginásticas” pode ter sido, em épocas antigas, uma tentativa honesta de corrigir falhas e violências, mas hoje já não mais válida. Temos infinitos exemplos de que essas ginásticas acontecem geralmente por maldade ou por medo de perder poder e riqueza, por medo àquilo que chamo de “conversão”.

Aspectos em textos bíblicos: o “homem de guerra” Yahweh

Muita gente sente um profundo mal-estar com a imagem de um Deus violento, que perpassa o Primeiro Testamento. Isso vai além das teologias do “Yahweh dos Exércitos” e da “guerra santa”. Para pessoas comprometidas com uma teologia da libertação de cunho latino-americano é especialmente sofrido encontrar o Yahweh “libertador” como “homem de guerra”, num texto que é o coração das utopias de liberdade, justiça e igualdade. É o Cântico de Moisés que o exulta assim: “Yahweh é um homem de guerra, Yahweh é seu nome!” (Ex 15,3). Rabinos antigos já sentiram o absurdo disso, e há um texto belo (infelizmente perdi sua identificação) que faz Yahweh dizer: “Minhas criaturas estão morrendo, e vocês fazem festa” (cf. Am 4,1-3; 6,1-6)? Lembro também de uma reação semelhante numa oficina de bibliodrama: um “anjo de Yahweh” estava matando “cavalos e cavaleiros”, e em vez de entoar o cântico da vitória, de pé enxuto e segura na outra margem, a “Miriam” voltou para o meio do mar, segurou o braço do anjo que estava descendo a espada sobre um “cavalo” e gritou: “Para com isso! Coitado do bichinho, que culpa tem ele das nossas besteiras?”

Sabemos hoje que o *Cântico de Moisés* reúne tanto elementos muito antigos como exílicos. Um dos elementos antigos é justamente o conceito de um deus guerreiro, e a exegese atual afirma com toda a naturalidade que Yahweh “começou” em Israel como um tipo divino muito divulgado no Antigo Oriente e no Egito: como deus guerreiro (Knauf, 60-61). Em sua imagem fundiram-se dois tipos divinos: o *deus da tempestade e da guerra*, e o *deus do sol*. O tipo do deus guerreiro, dinâmico e de aparecimento temporário, orienta-se no Baal-Set guerreiro e manifesta-se no deus do êxodo (Ex 15,21b; Jz 5,4s; Sl 68,8s) (Janowski, 21). Isso combina com certas tendências exílicas, e não é nenhum acaso que a única outra referência ao “homem de guerra Yahweh” ocorra no texto de Is 42,13: “Yahweh avança como um herói, como homem de guerra acende seu ardor; solta gritos de guerra, mostrando-se forte contra seus inimigos”. Num momento em que esse Deus de Israel perdeu a guerra contra a deusa da Babilônia (*Ištar*, a deusa “do Amor e da Guerra”), é uma reação muito compreensível enfatizar em sua imagem os traços de guerreiro, para, quem sabe, numa próxima ocasião não passar pela vergonha de tal derrota².

2. Cf. Ottermann 2006. Para *Ištar* como criatura do primeiro império vétero-oriental, do rei Sargão I e da sumo sacerdotisa Enheduana, cf. também Ottermann 2007.

Contudo, há também certas tendências de amenizar esse aspecto bélico de Yahweh. A utopia em Os 2,20 afirma:

*Farei em favor deles uma aliança, naquele dia,
com os animais do campo e com as aves do céu e com os répteis da terra.
E exterminarei da terra o arco e a espada e a guerra;
e os farei repousar em segurança.*

Um sonho semelhante manifesta-se no Sl 46,8.10:

*Yahweh dos exércitos está conosco, nosso baluarte é o Deus de Jacó!
Ele faz cessar as guerras até o fim da terra,
quebra os arcos, despedaça as lanças, e joga os escudos no fogo.*

Não precisamos discutir aqui que até mesmo esses sonhos de segurança e tranquilidade mostram um Deus que instala a paz de modo violento e belicoso. Mais interessante é que esse modo muito humano tem um aspecto linguístico: ambos os textos usam o verbo hebraico *šbr*, “despedaçar, destroçar, quebrar”, que, em sentido metafórico, pode significar também “dilacerar, extinguir, exterminar”. A Septuaginta usa em ambos os casos o verbo grego *syntribo*, “acabar com”. E parece que foi este uso que influenciou depois a mudança do texto de Ex 15,3 na LXX: “O Senhor acaba com as guerras”. Essa mudança, por sua vez, deve ter influenciado o Cântico de Judite: “O Senhor é um Deus que acaba (*syntribon*) com as guerras” (Jt 16,2).

A avaliação deste fenômeno dependerá da percepção, das experiências e das intelecções, sobretudo, do lugar social de cada pessoa. Será que se trata daquilo que chamei de “ginásticas conceituais e linguísticas que não se orientam pela verdade, que liberta e salva”? Ou será que é uma “tentativa honesta de corrigir falhas e violências”? Para todos os efeitos, tais mecanismos já não servem no mundo de hoje; e provavelmente jamais têm servido, pelo menos não à paz.

Aspectos na exegese moderna: paz e guerra

Ora, quais as tentativas no mundo de hoje? À guisa de exemplo aduzo aqui duas enciclopédias bíblicas que mostram uma tendência de interpretação e valoração presente em muitas obras de “referência” – obras geralmente consultadas em nossos trabalhos pastorais, ou seja, obras cuja influência não para na academia, mas chega até às bases.

No *Dicionário de Termos Fundamentais do Antigo e do Novo Testamento*, o autor do verbete “Guerra/Paz”, Rainer Kampling, afirma com razão que as descrições positivas de acontecimentos bélicos no Primeiro e no Segundo Testamento (aqui especialmente no Apocalipse) apresentam um problema hermenêutico porque argumentam e legitimam teologicamente. Contudo, ao enfrentar esse problema, ele oferece dois aspectos que, a meu ver, são totalmente insuficientes e até contraproducentes para uma teologia do século XXI. O primeiro é a simples afirmação de que a *apresentação* do êxodo e da tomada da terra como uma ação militar planejada não corresponde à realidade *histórica*, sem qualquer discussão da realidade *ético-teológica* presente nesta

apresentação. E depois afirma que, nessa espécie de textos, a guerra é apresentada como um acontecimento primordial passado, e que essa projeção de ações bélicas para o passado faz com que, no presente da tradução textual, a guerra pareça sem sentido (Kampling, 236-237). Para minha teologia e psicologia, acontecimentos primordiais têm um valor extremamente sagrado, fundante, que faz deles modelos “eternos” e “divinamente sancionados”. E minha Bíblia está cheia de guerras que são acontecimentos do presente, do passado próximo ou do futuro sonhado da tradição textual...

A grande enciclopédia eletrônica que está sendo elaborada, desde 2003, pela Sociedade Bíblica Alemã, o *Wiblex*, já conta com mais que 1000 verbetes, em sua grande maioria para o Primeiro Testamento, e oferece uma riqueza enorme de detalhes. Quando se busca o verbete *Krieg*, abre prontamente um verbete de mais de 23.000 toques, disponível desde 2007 – sobre a “Guerra Siro-efraimita” (Wagner). Nesse verbete não consta nenhuma observação sobre “guerra” ou “paz” como valor ético, nenhum comentário sobre a “justeza” dessa guerra ou da guerra em geral. A busca pelo verbete *Friede* é igualmente frustrante: até há pouco, resultava somente nas indicações “Reino da Paz” e “Paz entre os animais” (desde 2011 há também os verbetes *Friede – Shalom* e *Friede-Fürst* (Príncipe da Paz). A palavra-chave “Reino da Paz” leva ao verbete “Escatologia” (inserido em 2007 e desde então não modificado), e lá se lê sob 3.2.7, finalmente, uma avaliação fundamental, que merece maiores reflexões. Diz o autor, Klaus Koenen: “O Antigo Testamento desenvolve visões muito distintas sobre o reino da paz, esperado para o tempo escatológico de salvação (> Paz). Em relação a inimigos humanos e animais selvagens sonha-se, por um lado, com a aniquilação definitiva, por outro, com sua integração no reino da paz. Num caso, é o fim do inimigo, no outro, da inimizade. Ambos os conceitos visam um reino de paz, mas os caminhos para sua realização são tão distintos como o fogo e a água. Um baseia-se em genocídio e extinção das espécies, o outro no amor ao inimigo no sentido abrangente” (Koenen, 3.2.7).

À primeira vista, uma interpretação atraente, inclusive interessante em sua “corage” de dar um toque cristão a conceitos do Primeiro Testamento. Mas quando verifiquei a explicitação dessa versão de integração, conforme os trechos bíblicos conhecidos de Miqueias, de Isaías e do Deutero-Isaías, surgiu a velha intelecção de que até essa paz é extremamente violenta por extinguir a alteridade (a “outreidade”). A “peregrinação das nações para o Sião” tem traços fascistas, em seu “Yahweh-centrismo” e seu “sião-centrismo”; lembremos das faixas expostas na abertura de um dos Fóruns Sociais Mundiais, em Porto Alegre: “Cada monoteísmo gera fascismo”. Senti falta de alguma referência de Koenen a esse impasse, e considero igualmente reveladores os dados que ele apresenta em relação à paz oferecida em Is 19,18-25. Nesse texto pós-exílico, o Egito e a Assíria, já perecida em suas guerras, aderem ao culto a Yahweh, mas “em casa”, sem precisar vir até Jerusalém – uma feliz tentativa de eliminar o sião-centrismo, embora sem solução para o monoteísmo. Contudo, o que aconteceu com esse pequeno passo rumo a uma paz baseada no respeito ao diferente, ainda que apenas o diferente geográfico? Koenen informa: “Esse esboço do futuro era tão provocante que já as traduções grega e aramaica não traduziram esse texto literalmente. A Septuaginta transfere no v. 25 a bênção sobre o Egito e a Assíria para os israelitas, que

vivem ali [...]. O Targum parafraseia: ‘Bendito meu povo que eu fiz sair do Egito. Porque se tornaram culpados diante de mim, levei-os para o exílio na Assíria. Mas agora, que se converteram, são chamados de meu povo e de minha herança Israel’.

Parece-me que as duas obras modernas mencionadas evidenciam a mesma problemática fundamental de textos antigos, uma problemática que nos aflige hoje, mais do que nunca: teologias e pesquisas, mesmo de ponta, quando obedecem à lógica da corrente dominante, são incapazes de lidar com o emaranhado complexo das imagens divinas e das violências humanas. Isso confirma minha convicção de que precisamos enveredar por teologias alternativas, e apresento aqui brevemente três possibilidades entre muitas que me são muito caras.

Uma alternativa feminista

Em tempos bíblicos, nem o judaísmo nem o cristianismo tinham muita chance de refletir e implementar, efetivamente, um distanciamento da violência, principalmente da violência inerente ao sistema dominador, que se mostra com especial brutalidade nos impérios da época. Por exemplo, o vidente João viveu em meio à violência do Império Romano e experimentou certas manifestações dela de modo particular. Exilado em Patmos, viveu 18 horas por dia cortando e carregando pedras – a ilha era rica em pedreiras exploradas em trabalho forçado (cf. Mesters; Orofino, 2002: 18). Em dia de domingo (sem folga, assim como as senhoras encarregadas da limpeza do meu condomínio...), esse João sente tanta saudade de sua comunidade. Cai em êxtase e vê o Senhor (o Senhor Cristo) acabar pessoalmente com os absurdos dos impérios terrestres, auxiliado por tudo que é guerreiro e máquina bélica do império celestial.

Discutindo esse tipo de lógica e reação, Elisabeth Schüssler Fiorenza mostrou num de seus últimos livros (“O poder da palavra: a Escritura e a retórica do Império”) o quanto a linguagem e o imaginário de escritos bíblicos cristãos estão determinados pela política e retórica do “Império” e convida a ter a coragem e a honestidade de reconhecer essa violência, a fim de não mais reproduzi-la (Schüssler Fiorenza, 2007: esp. 130-147).

Uma alternativa guarani³

Em guarani, “paz” é *py’a guapy*. *Py’a* é o “estômago” ou também as “entranhas” (os significados “coração”, “alma”, “mente”, registrados em dicionários, já são uma abstração e espiritualização alheia à cultura original guarani). *Gua* e *py* são elementos de construção com múltiplos significados que dependem da combinação concreta, mas *guapy* significa principalmente “sentar(-se), assentamento, tranquilidade”. Desse modo, *py’a guapy* é basicamente o estômago satisfeito, tranquilo, calmo, sossegado, com boa digestão, que não tem e não dá problemas e que, por isso, deixa a pessoa inteira satisfeita, tranquila, calma, sossegada, serena. Assim, *py’a guapy* refere-se primeiro à situação da própria pessoa (sem ser intimista!) e só depois a uma situação interpes-

3. Agradeço a meu colega e amigo Leszek Lech as dicas importantes para esta parte. São um dos muitos frutos de seus estudos e sua convivência com a cultura guarani.

soal. Para mim que não tenho grandes conhecimentos da cultura guarani, essas noções são muito simpáticas porque parecem levar a sério o ser humano que não *tem* um corpo (que até poderia ser hostilizado como “prisão da alma”), mas que *é* um corpo. Também me lembram da inteligência de que preciso estar de bem comigo, para poder estar de bem com o resto do mundo; uma pessoa que está em paz irradia paz.

No âmbito do mito da “Terra sem Males” (*Yvy marane ÿ*), tão caro às utopias latino-americanas, essa paz pode ganhar uma dimensão surpreendente. O mito existe em muitas versões regionais, mas o elemento básico comum é a migração. Não é necessariamente uma migração para o mar, para alguma Serra do Mar ou para o “paraíso” imaginado do outro lado do mar (Chamorro). Mas é sempre uma ida para uma terra melhor, de abundância e fartura. De muita comida, muita caça, muitas frutas... não necessariamente de comida milagrosa, embora haja versões nas quais “as plantas nascem por si próprias, a mandioca já vem transformada em farinha, e a caça chega morta aos pés dos caçadores” (O mito). É nessa fartura de comida que se manifesta uma noção de paz, que não depende da presença literal da palavra: numa terra dessas, todo mundo estará de estômago sossegado, portanto, inteiramente sossegado, em paz – *py’a guapy*.

Parece-me que tal mundo de paz não seria um *Schlaraffenland* (*Cockaigne*, “Terra das Mil Delícias”) onde os pombinhos assados voam para a boca do glutão, que depois desmaia com um estômago estufado e protuberante como balão – um estômago que, certamente, não estará “em sossego”. Parece-me que poderia ser um mundo que superou traumas de fome, seca e migração forçada que, nos primórdios da humanidade, podem ter sido fatores decisivos para o desenvolvimento de sociedades com violência e desigualdade estruturalmente estabelecidas (Buscemi, 2007: 91-93; Eisler, 1996: 114-137). Nesse sentido, o sonho de *Yvy marane ÿ* e de *py’a guapy* para “todo mundo” pode animar a busca da transformação, na consciência de que esta terra atual não pode ser a melhor das possíveis, pois deve haver uma terra melhor, um mundo melhor possível.

Uma alternativa quaker

Para finalizar, gostaria de apresentar passos concretos que ajudam nessa caminhada rumo à paz, passos de uma amiga cubana *quaker*, Kirenia Criado, a mim confiados: as “Bases do poder transformador”⁴. É significativo que esses princípios foram formulados no âmbito de um pequeno grupo cristão alternativo que confessa o pacifismo:

1. Procure resolver conflitos chegando a um acordo comum.
2. Trate de encontrar “algo de bom” nas outras pessoas.
3. Escute antes de julgar.
4. Baseie sua posição na verdade.
5. Mantenha-se disposto(a) a modificar sua posição, caso esteja errado(a).

4. Princípios desenvolvidos no âmbito do “Projeto de Alternativas à Violência”, um programa da “Sociedade [Religiosa] dos Amigos (*Quakers*)”, que começou em 1975 nos EUA e hoje está espalhado no mundo inteiro, cf. <http://avpinternational.org/>.

6. Tenha confiança de que sentirá um grande poder interno para agir.
7. Arrisque-se a atuar de maneira criativa ao invés de usar violência.
8. Aproveite a surpresa e o humor.
9. Aprenda a confiar em sua percepção interna de quando se deve agir.
10. Mantenha-se disposto(a) a sofrer por uma causa importante.
11. Seja paciente e persistente.
12. Construa sua comunidade baseada em honestidade, no respeito e no cuidado.

Depois disto, que nos resta a dizer?

Com as palavras de Paulo: o que me resta dizer? Talvez isto:

Pessoas como Archibald precisarão continuar a estudar, pesquisar, ensinar, escrever, pastorear e testemunhar, porque, nesta nossa terra, respeito, amor e paz não crescem “automaticamente” (contra Mc 4,28). Pessoas como Linnis precisarão continuar a fazer pão, porque ele não cresce pronto nas roças, e precisarão continuar a “advogar”, porque os frutos da paz não caem do céu, e as bestas que querem engoli-los não se deitam mansinhas aos nossos pés.

E todos e todas nós precisaremos continuar em busca da Terra sem Violência e sem Males, busca que perdurará enquanto esta Terra existir; ela pede o nosso combate à violência e aos males, pede a desconstrução ativa de todas as ideologias que estão nas suas bases, de modo especial das ideologias belicosas humanas, camufladas de revelações divinas.

Bibliografia

Das wissenschaftliche Bibellexikon im Internet / AT, 2007ff. <http://www.wibilex.de>. Org. por BAUKS, Michaela; KOENEN, Klaus (acesso em novembro de 2011).

KOENEN, Klaus. Verbete “Eschatologie”.

WAGNER, Thomas. Verbete “Syrisch-ephraimitischer Krieg”.

Dicionário de Termos Fundamentais do Antigo e do Novo Testamento. Org. por BERLEJUNG, Angelika; FREVEL, Christian. São Paulo: Loyola, 2011.

JANOWSKI, Bernd. Verbete “Conceitos da Divindade”, p. 21-28.

KAMPLING, Rainer. Verbete “Guerra/Paz”, p. 236-237.

KNAUF, Ernst Axel. Verbete “História/Historiografia/História da Salvação”, p. 58-66.

BUSCEMI, Maria Soave. *Eu, Terra do Meio. Corpo de mulher e leitura popular da Bíblia.* São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2007.

CHAMORRO, Graciela. Os Guarani: sua trajetória e seu modo de ser. São Leopoldo: COMIN, 1999 (Cadernos do COMIN, 8). Versão em pdf: <http://www.comin.org.br/news/publicacoes/1206992949.pdf>

EISLER, Riane. *O prazer sagrado. Sexo, mito e a política do corpo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

MESTERS, Carlos; OROFINO, Francisco. *Apocalipse de João. Esperança, coragem e alegria*. São Leopoldo e São Paulo: CEBI e Paulus, 2002.

O mito da “Terra sem Males”. Versão não identificada, in: *Jornal Missão Jovem*, 166. Florianópolis: Pontifício Instituto Missões Exteriores, 2002, p. 11.

OTTERMANN, Monika. *As vítimas de guerra que manifestaram seu juízo: encontrando mulheres de voz profética a partir de Jeremias 38,14-28a*. São Bernardo do Campo: UESP (Dissertação de mestrado), 2003, 211p. Disponível em: http://ibict.metodista.br/tedeSimplificado/tde_busca/index.php

OTTERMANN, Monika. A Deusa Inana-Ishtar – uma rival de YAHWEH? Considerações feministas sobre as Deusas-Árvore e o Deus único da Bíblia Hebraica. In: REIMER, Haroldo; SILVA, Valmor da. *Hermenêuticas Bíblicas*. Contribuições ao I Congresso Brasileiro de Pesquisa Bíblica. São Leopoldo e Goiânia: Oikos e UCG, 2006, p.136-147.

OTTERMANN, Monika. As brigas divinas de Inana. Reconstrução feminista de repressão e resistência em torno de uma deusa suméria. São Bernardo do Campo: UESP (Tese de doutoramento), 2007, 339+70p. Disponível em: http://ibict.metodista.br/tedeSimplificado/tde_busca/index.php e futuramente em: http://www.sbl-site.org/publications/Books_ICIbooks.aspx

SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. *The Power of the Word. Scripture and the Rhetoric of Empire*. Minneapolis: Fortress, 2007, 280p

WOODRUFF III, Archibald Mulford. *EIPHNH in the Pauline Corpus*. Pittsburgh: University of Pittsburgh, 1976.